

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NARRATIVAS DE SI E DA VIDA ACADÊMICA: A RELEVÂNCIA DAS REFLEXÕES  
DE UMA MULHER PRETA, MÃE E FAVELADA PARA A PESQUISA**

**ANNE CAROLINE CARDOSO BAZILIO**

**RIO DE JANEIRO**  
**AGOSTO 2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NARRATIVAS DE SI E DA VIDA ACADÊMICA: A RELEVÂNCIA DAS  
REFLEXÕES DE UMA MULHER PRETA, MÃE E FAVELADA PARA A PESQUISA**

**ANNE CAROLINE CARDOSO BAZILIO**

Monografia submetida à Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como  
requisito parcial para obtenção do título de Licenciada  
em Pedagogia sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Warley  
da Costa.

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NARRATIVAS DE SI E DA VIDA ACADÊMICA: A RELEVÂNCIA DAS REFLEXÕES  
DE UMA MULHER PRETA, MÃE E FAVELADA PARA A PESQUISA**

**ANNE CAROLINE CARDOSO BAZILIO**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa Dra Warley da Costa.

Aprovada em: 02/09/2022.

Banca examinadora:

Presidente/Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Warley da Costa (UFRJ)

Professora convidada: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana Rodrigues Heringer

Professora convidada: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nubia de Oliveira Santos

**RIO DE JANEIRO**

**AGOSTO 2022**

## **CIP - Catalogação na Publicação**

*À minha mãe, minha tia Irinez (in memoriam),  
minha irmã Sabrina e minha filha Ayana.  
As mulheres pretas que com muito amor me  
ensinaram a ser forte e aguentar as batalhas dessa vida.*

## AGRADECIMENTOS

*“Nós não começamos nada, sem saudar os nossos ancestrais, pois estamos na terra que primeiramente foram deles.”*

Molefi Kete Asante para LABERER/UFPE/CNPq, outubro de 2020.

Primeiramente agradeço a Deus e os Orixás por todas as bênçãos que me sustentaram até hoje. Não foi um caminho fácil e ainda não é, mas a fé me sustenta e dá forças para continuar. Nas noites de choro, ansiedade e desespero, foram Eles que me sustentaram. Axé sempre na minha vida, para que tenha sabedoria e discernimento para continuar na minha missão nessa vida.

À minha mãe Maria Cristina. Sempre forte e mesmo quando sabíamos que ela não estava bem, não se deixava abalar e se mantinha de cabeça erguida. Meu exemplo de mulher forte vem dela e sou muito grata a isso. Hoje entendo que não preciso ser forte o tempo todo e tento ensiná-la isso, mas vai ser difícil. Sem ela eu não seria nada. Sem seu apoio e incentivo para meus sonhos tudo seria mais difícil ou até impossível. Mesmo tendo três filhos para criar sozinha, lutou contra tudo e todos e conseguiu nos criar da melhor forma possível. Eu consegui, mãe. Nós conseguimos.! Isso é tudo por você. Te amo!!

À minha filha Ayana Cristina. A maternidade foi um divisor de águas na minha vida. Quando descobri que carregava uma vida em meu ventre, a força para conquistar o mundo e uma vida melhor triplicou. Hoje é tudo por você, minha princesa. Quando você tiver a oportunidade de ler esse trabalho, saiba que foi você que me deu forças para terminá-lo. Quando tiver a minha idade, eu espero que a sua narrativa como mulher preta tenha sido mais leve do que a minha. Infelizmente não posso te proteger de todas as maldades deste mundo, mas farei de tudo para criá-la forte, independente e capaz de superar qualquer obstáculo que aparecer. Seus grandes olhos de jabuticaba e seu sorriso são as coisas mais lindas desse mundo. Obrigada por me escolher e me dar a honra de ser sua mãe. Eu te amo, meu bombonzinho.

Ao meu pai Irineu. As escolhas da vida fizeram com que você não acompanhasse de perto todas as conquistas que tive em minha vida adulta, mas nunca duvidei do seu amor por mim. É recíproco e hoje sem ressentimentos consigo dizer: eu te amo, pai.

À minha irmã, comadre e amiga Sabrina, obrigada por todo apoio sempre. Você foi essencial nessa jornada. Ao meu irmão, compadre e amigo Douglas. Sua alegria sempre contagiou a casa e fez com que tudo ficasse mais leve. Continue sendo sempre assim. Eu amo muito vocês!

Ao meu amor e companheiro de vida. Cássio, obrigada por me apoiar, sempre me incentivar, acreditar nos meus sonhos e estar sempre do meu lado. Obrigada por ser esse homem forte, decidido, inteligente, alegre, amoroso e atencioso. Deus não poderia me dar um marido melhor. Você tem o coração mais lindo que eu já conheci nessa vida e foi isso que fez eu me apaixonar por você. Quando te conheci, eu sabia que em você encontraria o grande amor da minha vida, meu melhor amigo e meu companheiro. Obrigada por dia após dia lutar para o melhor da nossa família, eu sei que posso contar com você para tudo. Nossa jornada está apenas começando, temos uma vida inteira juntos, uma filha linda para criar e um mundo inteiro para conquistar. Te amo, meu preto.

Ao Fábio Campos, que desde 2014 quando era meu professor no pré-vestibular Solidariedade me apoia e acredita em mim. Meu professor, meu amigo e hoje padrinho da minha filha. Obrigada por tudo. Obrigada por ser você. O mundo precisa de mais pessoas como você. E como você sempre diz: Nice. À Monique Silveira, irmã que o universo me deu e madrinha de minha filha. Obrigada por todo apoio, amizade e cumplicidade. Te amo e ainda vamos viajar pelo mundo.

À Bruna Crespo, eu não tenho palavras para agradecer todo companheirismo, amizade e confiança. Aprendi e cresci muito com você. A experiência que vivemos juntas foi sem dúvidas a melhor da minha vida. Te amo, Bruna. À meus web-amigos: Leonardo, Luciano, Juliana, Gabriela e Rafaela; vocês deixaram a UFRJ mais leve. Obrigada!

Às minhas amigas do Programa de Educação Tutorial: Stephany Cruz, Nathalia Costa e Larissa Brito. Passamos por diversas dificuldades durante nossas jornadas dentro na universidade, mas mostramos para sociedade onde o EUOP deve estar. Muito sucesso para nós. À Nathalia Souza, que desde 2007 está presente e me apoiando, principalmente nos surtos da madrugada. Você é incrível e gostaria que você lembrasse disso todos os dias da sua vida.

À Warley da Costa, que desde meu primeiro ingresso no PET sempre nos acolheu. Na “rádio corredor universitária”, seu nome é sempre citado quando falamos do que consideramos ser um “bom professor”. Sempre exigente, direta e sensata. Mas sempre carinhosa, atenciosa, preocupada e dedicada. A Faculdade de Educação não seria a mesma sem você. Eu não seria a mesma sem você. Essa monografia não seria a mesma sem você. Obrigada. De todo meu coração. Para além de uma orientadora, eu ganhei uma amiga que sei que posso contar para a vida inteira.

À Rosana Heringer, sempre humana, inteligente, divertida e que encanta a todos os alunos. Eu sempre serei grata pelo reconhecimento, apoio e ensinamento. Ter você como tutora foi um privilégio que espero que muitos alunos EUOPs possam ter. Você e sua linha de pesquisa são fundamentais para que mais alunos como eu possam crescer cada vez mais na vida e na universidade. Obrigada!

À Núbia Olivera, você sempre me inspirou e sempre desejei tê-la na minha banca. Não gosto da palavra “representatividade” mas é isso que você sempre foi para mim. Uma professora universitária negra, ali me dando aula, me deixou sonhar e almejar um dia deixar de ser sua aluna e ser sua companheira de trabalho. Agradeço a Nina também, por me deixar roubar sua mamãe nesse momento que deveria ser apenas de vocês. Nina é sortuda por ter uma mãe tão maravilhosa e inspiradora.

À UFRJ pelo investimento e conhecimento científico. Que as políticas de ações afirmativas abram mais e mais portas para meus iguais. À CAPES pela bolsa de estudos internacional, foi crucial para minha formação enquanto pedagoga e ser humano.



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar a escrita biográfica e suas diferentes formas de estar presente dentro do meio acadêmico. Utilizando como ponto de partida a vida pessoal e acadêmica de uma mulher, preta, favelada e do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e recentemente mãe, o trabalho percorrerá desde sua infância até sua jornada pelo mundo acadêmico. Em diálogo com quadro teórico consistente, o estudo aprofunda o debate sobre diferentes temas pelo qual foi interpelada em sua jornada. O quadro teórico utilizado para reafirmar tal relevância e que serve de âncora à escrita, decorre das leituras de Evaristo (2010) e Xavier (2019), Delory (2012), Costa (2015), Heringer (2015) e Honorato (2015). Como desdobramento da pesquisa foi possível aprofundar temas tais como: os enfrentamentos do EUOP para o acesso e a permanência no espaço acadêmico, os desafios de uma mulher negra na academia e as novas demandas da universidade pública frente a sua configuração atual.

**Palavras-chave:** Escrivivência; Mulher preta na universidade; Estudante Universitário de origem popular.

## ABSTRACT

The present work aims to explore biographical writing and its different ways of being present within the academic environment. Using as a starting point the personal and academic life of a woman, black, from a favela and the Pedagogy course at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and recently a mother, the work will cover her childhood to her journey through the academic world. In dialogue with a consistent theoretical framework, the study deepens the debate on different themes by which she was challenged on her journey. The theoretical framework used to reaffirm this relevance and which serves as an anchor for writing stems from the readings of Evaristo (2010) and Xavier (2019), Delory (2012), Costa (2015), Heringer (2015), and Honorato (2015). As a result of the research, it was possible to delve deeper into topics such as EUOP's confrontations for access and permanence in the academic space, the challenges of a black woman in the academy, and the new demands of the public university in the face of its current configuration.

**Keywords:** *Escrevivência*; Black woman at university; University student of popular origin.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DIUC – Divisão de Integração Universidade – Comunidade

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EUA – Estados Unidos da América

EUOP - Estudante universitário de origem popular

IDEB – Desenvolvimento da Educação Básica

MOB – Movimento de Organização de Base

NYU – New York University

PET - Programa de Educação Tutorial

PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PVS - Pré Vestibular Social

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

WSU – Wayne State University

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 13 |
| <b>CAPÍTULO I: O INÍCIO DO CAMINHO E AS EXPECTATIVAS DE FUTURO</b> ..... | 18 |
| <b>CAPÍTULO II: A VIRADA</b> .....                                       | 26 |
| <b>CAPÍTULO III: NA UNIVERSIDADE – O ENFRENTAMENTO</b> .....             | 33 |
| 3.1 Conhecendo o estanho .....   | 34 |
| 3.2 – Indo mais longe, conquistando o mundo .....                        | 38 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 42 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                  | 45 |

## INTRODUÇÃO

Quem nasce lá na Vila

Nem sequer vacila

Ao abraçar o samba (ROSA, Noel. 1934)

Olá! Me chamo Anne Caroline Cardoso Bazilio. Sou negra, tenho 31 anos, sou nascida e criada no Morro dos Macacos em Vila Isabel e sou aluna cotista do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sou casada e tenho uma filha linda. Pode parecer o texto que as redes sociais pedem para o usuário se apresentar, mas esse é meu trabalho de conclusão de curso.

Falar sobre mim muitas vezes não me pareceu interessante até o presente momento. Até o início da escrita deste trabalho me parecia também um trabalho "não acadêmico" e sem relevância. Confesso que relutei bastante em aceitar e abraçar essa ideia. Após muitas leituras sobre biografias e narrativas de si, vi que minha história de vida não é nada fácil de ser contada, é muito interessante e precisa estar dentro do espaço acadêmico.

Durante toda a minha graduação, em pelo menos uma disciplina por semestre e em meus grupos de pesquisa e extensão, eu li algum texto sobre a desigualdade na educação, evasão escolar, alunos negros etc. Curiosamente não me lembro de ter lido algum texto escrito por indivíduos que pertencessem a aquele lugar. Claro, li alguns autores negros e negras mas em sua maioria os autores que ali estavam relatando tal desigualdade não faziam parte daquela realidade. Geralmente, era alguém de fora que estudava o tema e a vida daquelas pessoas.

Aprendemos durante a nossa trajetória escolar a reconhecer o texto discursivo/argumentativo de forma imparcial e aprendemos dessa forma, a sempre nos retirar do texto. O exercício da escrita do "eu" não foi muito presente em minha vida escolar. Quando cheguei ao ensino superior, uma vez ou outra precisei fazer um relato sobre minha trajetória escolar, mas foram poucos os momentos que pude escrever sobre mim. Quem sou eu, o que vivi até aqui? O que vivi até aqui? O que senti? De que forma tudo que vivi até hoje ajudou a construir a Anne que agora com 31 anos de idade está escrevendo essa monografia?

Eu sou quem descreve a minha própria história, e não quem é descrito. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema<sup>1</sup> ilustra o ato da escrita como um ato de

---

<sup>1</sup> Sobre o poema que serve como epígrafe do capítulo de seu livro:

Por que eu escrevo?

Por que tenho que?

Porque minha voz

tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (KILOMBA, 2012, p. 27)

Durante o processo de escrita, busquei como grande fonte de inspiração Carolina Maria de Jesus. Assim como eu fui mãe, mulher, negra e favelada. Hoje Carolina é citada dentro da academia, mas quando escreveu seus diários que posteriormente se tornaram livros, acredito que ela não imaginava o impacto e relevância que causariam. Uma pena que ela não pôde presenciar em vida, o quão relevante é tudo que ela produziu. O quão forte e impactante e real é cada linha de seus diários. "Escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história: a visão de dentro da favela." (DE JESUS, 1960, p.4).

Outra fonte de inspiração que utilizo para esse diálogo é Christine Delory-Momberger, pois ao debruçar-se sobre as pesquisas biográficas, contribui para reforçar minhas argumentações. Segundo a autora:

O espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, Momberger, 2003, 2005). É de qual publicação seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular (Delory-, 2012,p.524)

Para a autora, a finalidade de uma pesquisa biográfica é “apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência” (Delory-Momberger, 2003, 2005. p. 526). No caso deste estudo, mergulhar nas minhas experiências de vida e nas minhas narrativas de si, me constituem também como sujeita do meu tempo, como “ser social e singular” (Delory, 2012, p. 524) acionar a memória Diversas pesquisas acadêmicas nos trazem dados mas o que há por trás desses dados? Jailson em seu livro “Por que uns e não outros?” (2011) faz esse exercício de ouvir mais o entrevistado e ir além. Apesar de não considerar sua pesquisa como um texto biográfico, a fala extensa dos entrevistados sobre suas vivências nos ajudam a entender melhor o alcance da pesquisa a partir dos dados que foram coletados naquelas entrevistas. Cada fala, ainda que com suas particularidades, uma vez reunida, nos ajudam a

---

Em todas suas dialéticas  
Foi silenciada por muito tempo.  
Jacob Sam-La rose

compreender as experiências dos estudantes de origem popular no espaço acadêmico e assim contribuir com elementos para a construção do perfil desse EUOP.

Lembrei-me também de Conceição Evaristo que tive a honra de ouvir pessoalmente em um evento sobre história oral na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O conceito de “escrivência” é muito falado hoje em dia e acredito que esse trabalho gira em torno dele, pois ao acioná-lo percorro o caminho trilhado pela autora, ao ser voz ativa ao contar a minha própria história. Giovana Xavier, professora da UFRJ, em sua disciplina “Intelectuais Negras”, uma das poucas disciplinas que aborda a temática sobre negritude no curso, mobiliza esse conceito como uma prática pedagógica comum em suas aulas. A professora em seu livro intitulado “Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudos por Mulheres negras contando sua própria história”, dialoga diretamente com as minhas intenções nesse trabalho de conclusão de curso. Em consonância com o conceito de escrivência (EVARISTO, 2017) e dos estudos biográficos, a autora defende o protagonismo da mulher negra em meio às narrativas de sua própria trajetória.

Em alguns textos encontramos a expressão “dar a voz” quando fala-se de grupos minoritários. Não utilizei tal expressão ao longo do meu trabalho, pois esse termo sempre me incomodou. Acredito que quando falamos em “dar voz” a alguém, passamos a impressão de que esse alguém não pode falar por ele mesmo. Que ele não é capaz de se expressar. Dessa forma criamos uma hierarquização do poder de fala, legitimando o lugar de uns e não de outros, o que não é o caso desse estudo. Certamente, sempre tivemos voz, sempre tentamos falar, mas estamos há anos sendo silenciados e silenciadas. De diferentes formas o povo preto sempre se manifestou através da escrita, da religiosidade, do samba, do funk, do grafite e várias outras formas de expressão; se manifestou através de lutas e resistência como é o caso dos quilombolas e lutas do movimento negro organizado.

De acordo com Evaristo em uma entrevista concedida ao blog *Blogueiras Feministas*,

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (Evaristo, 2010).

Dessa forma, e imbuída desse sentimento, a escrita desse trabalho tem como objetivo contribuir para que mais mulheres sejam protagonistas de suas próprias histórias. Ao longo desse

trabalho de conclusão de curso relatei a minha trajetória de vida e minha experiência: como uma mulher, negra, mãe, favelada e universitária negra de origem popular conseguiu chegar até aqui, enfrentando os desafios para a finalização do seu curso?. Dialogando com autores importantes para a área e para a minha formação, levantando questões e reflexões que permearam minha jornada e trajetória de vida, pretendo mostrar que podemos ser mais do que objetos de estudo, que, ao contrário, podemos nós mesmos produzir conhecimento.

A fim de alcançar o objetivo central desta pesquisa, defini caminhos resultantes da minha própria experiência de vida. Irei discutir teoricamente questões que, ao longo de minha história de vida emergiram e produziram um aprofundamento sobre a realidade social em que estou inserida. Além das autoras que citei, irei trazer mais autores/autoras para dialogar com cada fase da minha vida, principalmente mulheres negras, para reforçar o meu posicionamento de que existem mulheres negras contando suas próprias histórias e não é de hoje. Sem excluir a relevância de autores homens que falam sobre o tema, trarei Silva (2003), que transformou sua tese de doutorado em um livro que hoje é referência quando se trata de alunos oriundos da classe popular, “Por que uns e não outros?”. O autor aborda as histórias de alunos moradores da comunidade da Maré, localizada também na zona norte do Rio de Janeiro. Para ele, “[...] para além do rigor acadêmico, acabam por potencializar seus personagens e ambientes não apenas como objeto de seus estudos para justificar uma hipótese. Assim, este livro torna-se um interessante gesto político e estético que reedita o lugar do pobre favelado” nos estudos acadêmicos” (SILVA, 2003, p. 13) Ou seja, Jailson durante o seu trabalho teve todo cuidado para que os entrevistados durante essa pesquisa, não fossem apenas um objeto para sua conclusão de doutorado, mas sim sujeitos que estavam dispostos e abertos a compartilhar suas histórias.

Em um segundo plano, sem prejuízo ao rigor teórico deste trabalho, recorri às reflexões que emergiram sobre temas oriundos de minha própria trajetória pautada em um quadro teórico consistente. Deste quadro teórico destacamos autores e/ou conceitos trabalhados sobre temáticas que me tocaram durante o curso, tanto aquelas abordadas nas disciplinas, nos grupos de extensão, nos estágios, enfim decorrentes da vida universitária. Durante o processo de construção, precisei refletir sobre os pontos que de fato ajudaram no processo do quem sou hoje. Todos os episódios de minha vida são importantes, mas na busca por uma construção de uma narrativa linear, destacamos e valorizamos os pontos que aqui são abordados.

Este estudo está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discorro sobre minha família, local de moradia e minha trajetória escolar articulando com algumas reflexões sobre diferentes aspectos da educação da criança negra na favela. No segundo capítulo, relato como foi minha passagem para o ensino superior público e os entraves que tive durante esse processo, aprofundando o debate sobre o acesso dos jovens da escola pública à universidade; para tal, trouxe



autoras que abordam o acesso e permanência desses grupos na universidade, como Honorato (2015), Heringer (2015) e Costa (2015).

Já no terceiro capítulo, exploro minha vida acadêmica. Como foi ser um estudante de Origem Popular (EUOP)? Quais medos e anseios me tomavam naquela fase da minha vida? Relato também a importância do grupo de extensão para minha permanência naquele espaço e como ajudou a me fortalecer. Aprofundo ainda o debate sobre o papel da universidade pública e as adversidades enfrentadas pelos estudantes de origem popular neste espaço, além das estratégias que permitam a garantir a sua permanência. Neste capítulo discorro ainda sobre a minha experiência como intercambista em uma universidade norte- americana e os impactos que essa vivência trouxe para a minha vida acadêmica e pessoal.

Finalmente, na última parte, as Considerações finais, faço uma reflexão de como toda essa trajetória me ajudou a construir quem sou hoje. O que mudou para a Anne recém saída do pré vestibular comunitário para a Anne que está escrevendo seu trabalho de conclusão de curso? Quais as minhas perspectivas prestes a me tornar uma pedagoga? Dessa forma, procurei retomar os pontos que considero principais e debater com os autores que utilizo ao longo do trabalho. E finalizo com possíveis caminhos que tomarei a partir dali.

## CAPÍTULO I: O INÍCIO DO CAMINHO E AS EXPECTATIVAS DE FUTURO

Eu tenho muito orgulho de falar que sou nascida e criada no Morro dos Macacos em Vila Isabel. Minha mãe, Cristina, nasceu no bairro de Botafogo e quando era caixa de supermercado em Laranjeiras, conheceu meu pai, Irineu, que trabalhava em uma farmácia no mesmo bairro. Meu pai, Irineu, que sempre foi de Vila Isabel, continuou morando lá depois de se casar com a minha mãe. Minha mãe já tinha dois filhos do primeiro casamento, minha irmã mais velha Sabrina e meu irmão do meio Douglas. Nasci em 1990 e a favela que cresci infelizmente não é mais a mesma. O Morro dos Macacos costumava ser um lugar bem tranquilo. Situada em um bairro boêmio, Vila Isabel sempre foi muito conhecida pelo samba. Noel Rosa e Martinho da Vila são sambistas que nasceram, foram criados e fizeram história no bairro. Além do samba, temos o primeiro jardim zoológico, criado pela família real. Hoje, o espaço é utilizado como Vila Olímpica, oferecendo esporte gratuito para a comunidade

Fundada há 130 anos, Vila Isabel, que era conhecida como Fazenda dos Macacos, possui ainda que invisível, uma barreira entre a favela e o bairro. O Morro dos Macacos tem uma representação muito forte no bairro mas existe uma nítida diferença entre quem precisa subir o morro e quem mora na famosa Avenida Boulevard 28 de Setembro. Inspirada na arquitetura francesa, a avenida acompanhou a mudança que a cidade sofreu com a reforma urbana com a inspiração europeia. Assim como em diversos pontos da cidade, o olhar preconceituoso também ronda por Vila Isabel e quem mora aqui sabe que há uma distinção entre "quem mora no morro e quem mora na pista (gíria utilizada para determinar quem mora fora da favela)".

A "pista" e o morro passaram por diversas mudanças. Antes éramos livres para brincar na rua a qualquer momento do dia. Os bares de Vila Isabel viviam sempre lotados. Era normal amanhecer tomando uma cerveja e cantando um samba pelas esquinas daqui. Já pela favela, nossos pais sempre confiaram em nos deixar brincando e conversando nas ruas e até mesmo na casa de vizinhos, sem preocupação. O tráfico era presente ali, mas não como hoje. Na favela costumamos dizer que antigamente o tráfico tinha mais "respeito" pela comunidade. Antes não era normal um traficante andar armado pelas ruas e vielas, o varejo de drogas não era exposto como é hoje em dia e principalmente, era proibido o uso de drogas na frente das crianças. Tiroteio era muito raro no morro. Não lembro de ter presenciado um tiroteio até mais 11 ou 12 anos de idade. Hoje em dia não existe mais essa tranquilidade de ir e vir, deixar nossos filhos na rua. Além do constante conflito entre polícia e tráfico e entre facções rivais, o desfile de armas pesadas e venda e consumo de drogas não é um bom exemplo para as crianças e jovens. Logo, muitas mães não permitem que os filhos fiquem pelas

ruas. E com razão. Nos anos 1990 existia o tráfico, é claro. Cresci sabendo que naquela localidade havia violência, mas quase não a presenciei.

Vila Isabel continua sendo um lugar de luta, resistência, diversão, amizades, cultura e muita coisa de bom! A escola de samba de Vila Isabel continua levando muita alegria à comunidade. A ala da comunidade, sempre presente nos desfiles dos carnavais, é sempre a mais animada na Sapucaí. Os ensaios de carnaval que acontecem na Avenida Boulevard 28 de setembro também são sempre muito aguardados por todos. Na Vila Olímpica Arthur da Távola, os moradores podem fazer diversos exercícios totalmente de graça.

Hoje, além das associações de moradores, existem coletivos atuando dentro da comunidade. Conheço o Movimento de Organização de Base, que falarei mais a frente e o Coletivo Macaco Vive. Ambos atuam fortemente na favela. Em sua página no Instagram, o coletivo se denomina como um "coletivo de comunicação independente e sem vínculos políticos." Os jovens se organizam e promovem competições de futebol e queimado. Todo ano em outubro, alguns moradores se organizam para fazer uma festa com brinquedos e presentes para as crianças. Esses são poucos exemplos de como a comunidade ainda é unida e sempre busca o melhor para o local. Muitas vezes assumindo o papel do poder público.

Próximo a favela existem escolas e creches e até hoje não entendi os motivos, mas minha formação na educação infantil foi toda em uma escola filantrópica budista no Morro dos Macacos. A Escola Sathya Sai Baba foi fundada em 1993 em uma casa cedida para a instituição. Naquele momento eles funcionavam apenas como creche, atendendo apenas 22 crianças, com idade entre 3 e 5 anos em horário integral. Depois a creche foi crescendo e hoje é uma escola regular, mas se mudaram para um bairro próximo, para o bairro do Andaraí, que fica bem próximo a Vila Isabel e atende a um número maior de crianças.

Durante a pesquisa sobre dados da comunidade, me deparei com a tese de Fernanda Devalhas Piccolo (2006). Piccolo é doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e realizou toda pesquisa no Morro dos Macacos. A favela é muito grande e a sua pesquisa foi realizada em uma área diferente da área em que eu moro próximo ao Antigo Jardim Zoológico. Em sua tese, Piccolo relata a história do morro, do início, de quando era uma fazenda, aos dias atuais, relatando no subcapítulo "Complexo dos Macacos", as memórias que os moradores têm da favela. Segundo Piccolo,

Para aprofundar a história desses locais, que não constam em nenhum livro oficial, que não fazem parte da história e da memória institucionalizadas, tal como acontece com o bairro, recorro às memórias dos idosos, que narraram, durante as entrevistas, a história local. (Piccolo, 2006, p. 108)

Ou seja, o trabalho da autora dialoga com o meu na medida em que, como moradora da favela, pôde contar suas próprias histórias. Piccolo também reconhece que tal ação não é vista como institucionalizada, ou seja, não há um reconhecimento válido para aquelas falas até esse momento. E ela continua:

Um dos motivos pelos quais as favelas não são vistas como fazendo parte da memória e da história oficial do bairro é porque as favelas, na maioria das vezes, são entendidas como localizadas para além dos limites topográficos dos bairros em que estão situadas geograficamente, principalmente, quando o tema é a violência – visto que esses limites são socialmente construídos. Essas classificações e distinções são estabelecidas num jogo de poder entre os moradores do bairro e do morro. (Piccolo, 2006, p. 108)

Como dito anteriormente, existe um preconceito nítido entre quem mora no morro e quem mora na rua. Compartilho com as ponderações da autora pois, Vila Isabel sempre foi vista como um bairro nobre, boêmio, berço do samba e da malandragem. Mas esquecem que aqueles que majoritariamente construíram essa imagem do bairro, desciam o morro todos os dias para garantir seu sustento e de suas famílias com seu trabalho suado; e também contribuíram como um ator ativo na construção da história do bairro. Ribeiro (2017) afirma que “Spivak nos ensina sobre como grupos subalternos não têm direito a voz, por estarem num lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas, por pertencerem à categoria ‘daqueles que não importam’” (RIBEIRO, 2017, p. 74)

Valorizar esse resgate de memória é de suma importância para a manutenção das culturas, tradições e histórias. Sobre o tema, Amorim (2019) discorre sobre o “biográfico”. A autora considera o “biográfico” como uma das formas privilegiadas da atividade reflexiva, na qual o ser humano se constitui e compreende a si mesmo em um espaço-tempo específico, permitindo, assim, ao sujeito “integrar, estruturar e interpretar as situações e os acontecimentos vividos” (DELORY-MOMBERGER, In: AMORIM, 2019) 2008)

Ao retomar a História do meu bairro, das minhas origens como mulher negra estudante favelada, constituo um movimento importante para essa pesquisa, reforçando o meu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) abrindo espaço para outras vozes tantas vezes subalternizadas em nossa história. Reaver as memórias de minha vida escolar, também se tornou um caminho importante para esse estudo. Revelou os desafios enfrentados pela sociedade em relação à escola pública.

Quando saí da educação infantil, não ingressei em escolas do entorno do meu bairro, fui para uma escola municipal muito bem indicada no Maracanã, a Escola Municipal Friedenreich. Mesmo com diversas escolas próximas a minha casa, minha mãe optou por me colocar em uma distante, ela tinha a ideia de que as escolas próximas não eram “boas”. Agora na faculdade, conhecendo indicadores que mostram o desempenho das escolas, consigo entender, subsidiada pela teoria e por dados concretos, o que para minha mãe eram apenas “achismos”. Existem duas principais escolas que

mais recebem as crianças e adolescentes do Morro dos Macacos. A fama dessas escolas, ainda que não fossem boas, dentro da comunidade, eram as principais opções, pois muitos responsáveis não tinham condições de levar e buscar seus filhos em espaços mais distantes, visto que logo, a proximidade com a favela era tanta, que os alunos podiam ir e voltar sozinhos.

Analisando o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2019, dessas duas escolas, podemos ver que os números de fato não alcançam os números esperados pelo sistema de avaliação. Em uma dessas escolas, curiosamente a que de fato está dentro da favela, possui índices baixos, com um alerta em vermelho indicando a necessidade de melhorias, de acordo com o site do Qedu e dos dados coletados no ano de 2019<sup>2</sup>. A Escola Municipal Noel Rosa, carrega o nome da maior personalidade do bairro, mas infelizmente é completamente esquecida pelos poderes públicos. A outra escola com maior procura dos pais da comunidade é a Escola Municipal Equador. Essa escola fica localizada na Avenida 28 de Setembro e de acordo com os últimos dados de 2019 a escola conseguiu atingir a média 6.0 pelo IDEB que é o esperado como uma média regular, mas precisa melhorar sua classificação para ser considerada uma “boa” escola. Minha mãe não tinha acesso a dados para decidir para qual escola me mandar, mas a má reputação da escola pesou na decisão dela. Altas reprovações, brigas nas saídas da escola etc, fizeram ela decidir que aquelas não eram "boas escolas" para mim.

De fato, a Escola Municipal Friedenreich era uma boa escola. Lá fui alfabetizada, tive um bom desenvolvimento e o que mais fica na minha memória são as atividades físicas praticadas no Maracanãzinho e na piscina do Maracanã. Hoje a escola possui um bom índice no IDEB. Ainda que naquela época não fosse utilizado esses dados para qualificar uma instituição, minha mãe fez uma boa escolha. Acredito que por se tratar de uma escola pequena, as coisas funcionam melhor. As turmas eram pequenas, acredito que nas turmas que tive nessa escola, não tinham mais de 15 alunos. Quinze alunos em uma turma de ensino fundamental público, é de se espantar. Não sei se hoje em dia a escola ainda utiliza o Maracanãzinho para as atividades esportivas, eu espero que sim, pois era muito bom poder utilizar as quadras reais de basquete, vôlei e handebol para atividades. Por estudar ali perto eu também fazia natação, mas essa era uma atividade à parte da escola.

Acredito que para minha mãe, uma boa escola era aquela que não havia muita confusão, era pequena e com os alunos “mais comportados”. O fato de estar longe de comunidades também era considerado um ponto positivo para ela. As aulas ali não precisavam ser interrompidas por causa de tiroteios ou por algum outro tipo de violência. Então ali eu teria um pouco mais de segurança em relação às escolas próximas de onde eu morava. A parceria com o Maracanã também contava como

---

<sup>2</sup> <https://novo.qedu.org.br/>

ponto positivo para ela. Aquele velho ditado era bem presente na minha família “Mente vazia, oficina do diabo”, então quanto mais eu me ocupasse com a escola, melhor era para ela. Essa preocupação dos meus pais não era apenas uma forma de dar menos trabalho em casa, mas sim para que eu não ficasse pela favela correndo algum tipo de risco em situação de vulnerabilidade.

Já no meu ensino fundamental II e no antigo ginásio, cursei em uma escola em Vila Isabel, próxima ao Morro da Mangueira. Na Escola Municipal Humberto de Souza Melo. Era uma boa escola e gostei muito da experiência de estudar ali. Tenho amigos até hoje que fiz na Humberto de Souza Melo. Mas ali também tive contato com um conflito que me era familiar mas que não era tão próximo a mim, a guerra do tráfico. Supostamente, não deveria existir apologia à facção criminosa nas escolas, mas pelo fato de a Humberto de Souza Melo estar literalmente entre o Morro dos Macacos e o Morro da Mangueira, isso já causava conflito entre os alunos. Principalmente os meninos. Cada morro é dominado por uma facção diferente, os meninos tinham a ideia de "defender" essa rivalidade e acabavam sempre rolando brigas entre os meninos, que reproduziam a rivalidade no morro entre as facções, na escola. Então era frequente a presença da Guarda Municipal dentro e fora da escola para conter esse tipo de situação impedindo que momentos de violência chegassem ao extremo dentro e no entorno da escola.

Na sala de aula os professores sempre repreenderam esse tipo de comportamento dos grupos de estudantes, mas nunca procuraram uma forma de trabalhar pedagogicamente isso com os alunos para tentar amenizar essas divergências e impedir essas brigas. Nessa época, ainda nos tempos do Ensino Fundamental, eu já havia iniciado meu curso de inglês, que sempre amei. A decisão partiu da minha mãe, então meu pai pagava um curso no Grajaú. Por sempre ser muito responsável, meus pais confiavam em mim para ir e voltar sozinha para as aulas, incentivando a minha autonomia. A atuação dos meus pais no cuidado com a minha educação é um ponto importante para a minha formação que gosto sempre de ressaltar e agradecer.

Já no meu ensino médio, cursei na escola que era o “terror” de Vila Isabel, o Colégio Estadual João Alfredo. A escola oferecia o ensino regular e técnico. Nos cursos técnicos, os alunos escolhiam cursar administração ou contabilidade. Em minha pesquisa não encontrei nenhuma informação atual sobre a realidade dessa escola, sei que ainda oferecem pela Secretaria Estadual de Educação-RJ o Ensino Médio. Mas o fato era que, mesmo saindo com uma profissão, nenhuma mãe queria o filho naquela escola pois a sua reputação não era boa. Mas como a inscrição era determinada pela Secretaria de Educação, minha mãe não teve muita escolha. Então dependeu de mim para estudar e levar meu ensino médio a sério, mesmo com a má reputação da escola. Os problemas eram parecidos com a última escola que eu havia estudado: brigas dos alunos. Por serem com alunos mais velhos, algumas brigas chegaram a agressões pesadas, a ponto de precisar de ajuda médica e apoio da Polícia Militar.

Infelizmente aquele já era um momento em que o tráfico de drogas já estava presente em músicas, símbolos e gestos. Então qualquer música, gesto, gíria ou qualquer outra coisa que simbolize a facção rival, já era motivo para brigas.

Outro ponto grave que me prejudicou no ensino médio foi a falta de professores. Eu lembro que nos meus dois primeiros anos, não tive a disciplina de física. Só fui ter professor de física em meu último ano, prestes a prestar o ENEM. A experiência escolar infelizmente não foi boa, mas a pessoal foi muito proveitosa. Fiz amigos que tenho contato até hoje.

As fases escolares que mais tenho lembranças são do meu ensino fundamental II e do ensino médio. No ensino fundamental foi onde nasceu meu amor pela educação e principalmente pela disciplina de História. O professor Paulo Luna foi um dos professores que mais marcaram minha trajetória. O professor Paulo tinha uma forma totalmente diferente de lecionar. O famoso "cuspe e giz" não funcionava com ele. Ele gostava de conversar, ouvir nossas opiniões, as atividades eram lúdicas e conseguimos aprender de forma leve. Foi ali meu primeiro contato com uma educação que dialogasse com a minha realidade. O professor sempre lecionou trazendo o conteúdo para o mais próximo de nós possível. A participação dos alunos nessa disciplina era muito boa. Então foi ali que eu vi que a educação não precisava ser chata e tediosa. E eu sempre amei a disciplina de História, então casou tudo perfeitamente.

Já meu ensino médio foi marcado por momentos bons, fiz muitos amigos, tive amores e foi ali que descobri o que queria fazer na minha vida. Mas também foi ali que comecei a refletir sobre o como seria difícil finalizar o curso e enfrentar a vida lá fora. Naquela época pensava em pagar uma faculdade. Então eu teria que acabar o ensino médio, conseguir um bom emprego e pagar a minha faculdade. Por ser uma escola com que também oferecia o ensino técnico, percebi que precisava de alguma coisa para complementar minha educação. Daí o interesse pelo ensino superior. Mas os últimos dois anos foram complicados. Não tive as disciplinas de física e química, o que me prejudicou bastante no vestibular. A escola ainda tentou colocar outros professores para lecionar essas disciplinas, mas não durou, pois no meio do ano a sobrecarga falou mais alto e os professores voltaram a lecionar apenas as suas disciplinas de origem.

As áreas exatas nunca foram do meu agrado. Lembro que nunca gostei de Matemática, Química e Física, então minhas notas nessas disciplinas sempre eram medianas. Aquele famoso "suficiente para passar". Mas nas disciplinas de humanas, eu sempre tive ótimas notas e elogios dos professores. Eu não tinha a preocupação em seguir uma carreira, queria apenas concluir meu ensino médio e seguir a vida. Receber um salário que fosse suficiente, pagar as dívidas e sobreviver. Esse

era o meu projeto de vida, não cogitava nem imaginava que fosse possível o meu ingresso em uma universidade pública; esse caminho estava longe de minhas perspectivas.

Sobre esse aspecto, alguns questionamentos emergiram: Por que o jovem estudante de escola pública não vê perspectivas em alcançar a universidade pública? Por que ele se auto exclui de antemão no processo de acesso à universidade?

Em importante pesquisa sobre as expectativas dos estudantes das escolas públicas de Ensino médio no Rio de Janeiro, Santos (2018) entrevistou alunos de uma das escolas perguntado o que os alunos gostariam de fazer ao concluir o ensino médio:

108 alunos desejam entrar para universidade, 15 pretendem ingressar na carreira militar, 7 desejam estudar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), 11 querem fazer algum curso técnico, 11 pretendem trabalhar, 1 pretende viajar e 5 ainda não decidiram o que querem fazer. (...) Mesmo desejando ir para a universidade e tendo a escola como ponte para a realização desse projeto de futuro, 71 alunos afirmam que não acreditam que a escola os prepara para o vestibular, alegando que o conteúdo não é suficiente e que a grade curricular da escola não segue os conteúdos cobrados no Exame Nacional do Ensino Médio. (Santos, 2018: p.20)

Assim, de acordo com esses jovens que Santos entrevistou para seu trabalho, a falta de preparo já coloca o aluno em desvantagem quando chega a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A incredibilidade na escola pública corrobora para esse sentimento de impossibilidade de acesso e provoca um distanciamento cada vez maior desse caminho. Problemas como os narrados pelos alunos e por mim neste estudo, “que o conteúdo não é suficiente e que a grade curricular da escola não segue os conteúdos cobrados no Exame Nacional do Ensino Médio” são recorrentes. Santos também aborda o papel do professor nesse processo. Ainda que os professores tenham passado pela universidade e entendam daquele universo, problemas como tempo de aula e o currículo fechado, muitas vezes não dão chance para que esse professor fale sobre a universidade ou aborde temas cobrados no processo de acesso universitário. Naquela época eu já me via em desvantagem. A vontade de estar naquele espaço universitário ainda não estava em mim.

Mais tarde, já estudante da UFRJ, no Programa de Educação Tutorial (PET) que falarei posteriormente, fizemos diversas oficinas em escolas Estaduais e cursos pré-vestibulares, onde alunos nem ao menos sabiam que a universidade não era paga. A informação de fato é poder. Poder esse que não está chegando a quem deveria ocupar esse lugar na universidade. Como um aluno de origem popular pode almejar e sonhar com um espaço que não lhe foi apresentado? Como um aluno da favela pode desejar estar em um lugar que lhe é apresentado como um espaço hostil?

Esse resgate de memória é um exercício que não costumava fazer, acredito que se tivesse mantido meu hábito adolescente de escrever em diários, esse trabalho poderia ser mais rico. Mas a correria da vida faz com que esqueçamos de manter vivas as nossas memórias, sejam boas ou ruins.



“Nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossas vidas” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 97)

## **CAPÍTULO II : VIRANDO O JOGO: A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL**

Acredito que chegamos em um dos momentos mais mágicos da minha vida. Quando finalizei meu ensino médio, tinha a intenção de apenas conseguir um emprego e seguir minha vida, como sinalizei acima, e essa é uma mentalidade comum para os estudantes de origem popular provenientes da escola pública secundária como apontam algumas pesquisas. Mas minha mãe, que sempre incentivou meus estudos com cursos de inglês, informática, administração, etc., me obrigou a me inscrever em um curso de pré-vestibular comunitário pois ela queria uma filha formada.

Minha educação sempre foi prioridade para meus pais, mas sabíamos das nossas limitações. Cursos pré-vestibulares eram caros para nossa realidade e nessa altura da minha vida meus pais já haviam se separado, então as despesas precisavam ser contidas. Quando minha mãe me indicou o curso pré-vestibular, acredito que a ideia dela era que eu conseguisse uma bolsa integral em alguma universidade privada. Não acho que ela almejava a universidade pública, assim como eu.

Foi então que fiz minha matrícula em um pré-vestibular comunitário que atua até os dias atuais no Morro dos Macacos. Literalmente obrigada por minha mãe, iniciei as aulas. Confesso que não tinha esperança alguma de conseguir algum resultado positivo. Mas em poucos dias a obrigação se tornou a prazer e esperança. O Pré-Vestibular Solidariedade era organizado pelo Movimento de Organização de Base (MOB) que está presente em outros Estados pelo Brasil.

O MOB é um movimento social que tem projetos em favelas e a atuação no Morro dos Macacos, no momento em que o conheci, atuava como o pré-vestibular comunitário nessa localidade. Para além da preparação para o vestibular, o cursinho tinha o objetivo de conscientizar socialmente os alunos, trabalhando assim com o conceito de educação popular. Então junto com as aulas, era sempre debatido o contexto atual do Brasil e outras questões para que entendêssemos a sociedade em que vivemos de uma forma consciente. Esse debate estava presente principalmente nas aulas de História, Sociologia e Filosofia.

Cibele de Camargo Lima (2019), em seu artigo “Ensino de História em Cursinhos Populares: um Estudo Sobre o Currículo da Rede Emancipa”, analisa o currículo de História de um conjunto de cursinhos populares que fazem parte da Rede Emancipa, movimento social de cursinhos populares que teve origem no ano de 2007.

Um cursinho pré-universitário propõe-se a preparar para algo, no caso, as provas de seleção para o Ensino Superior. O caráter propedêutico está posto e a construção curricular se dá tendo essa perspectiva. Como é possível então desenvolver uma educação na perspectiva popular, crítica e libertadora? (LIMA, 2019, p. 01)

Em seu site, o MOB se apresenta como um

“movimento social que busca, a partir da mobilização do povo organizado, lutar pela reivindicação dos direitos e das necessidades mais imediatas do nosso povo, seja na educação, saúde, cultura, trabalho, etc. Para isso, de forma coletiva e horizontal também buscamos construir ferramentas de luta que ajudem na caminhada cotidiana em direção a estes objetivos, como centros de cultura, bibliotecas, oficinas, atividades culturais, trabalhos de produção e geração coletiva de renda, espaços de educação e outros.”

Por sua apresentação, podemos considerar que o pré-vestibular se configurava nesse contexto como uma das ações do grupo para alcançar um objetivo maior, a luta por direitos e cidadania. Quinzenalmente um tempo de aula era destinado para uma reunião que chamavam de assembléia. E nesta assembleia nos reunimos para falar sobre o pré-vestibular, a organização do espaço, a organização de eventos para ajudar a custear os gastos que o cursinho trazia e outras questões.

A autora discorre sobre a característica de alguns cursinhos populares apontando aqueles que se dizem populares devido ao baixo custo (“preços simbólicos”):

Parte dos cursinhos populares têm atuação local junto a bairros, escolas ou outras instituições, pautando-se no seu contexto regional. Grande parcela dos cursinhos possuem uma atuação junto a outros movimentos sociais e/ou grupos sociais específicos, como estudantes de escola pública, negras/os, transgêneros e outros. Outros cursinhos são vinculados a programas de extensão universitária ou surgem de iniciativas estudantis independentes. (LIMA, 2019, p.03)

Lá, no curso que frequentava, conheci pessoas com o mesmo perfil que eu tinha e, também as mesmas percepções sobre educação. A maioria dos alunos já trabalhavam, então as aulas noturnas ajudavam a conciliar os estudos com a jornada de trabalho. O cansaço era nítido em diversos rostos, mas estavam ali todos os dias, das 19:00 até às 22:00 estudando para garantir uma boa nota no ENEM. Foi durante as aulas que aprendi de fato o que era a universidade pública e as formas de ingresso. Naquele espaço, pela primeira vez, pensei e acreditei que poderia ingressar em uma universidade pública, pois até então, assim como minha mãe, acreditava que minha opção era conseguir uma bolsa em alguma universidade privada. Jaílson de Souza e Silva (2011) trouxe em sua tese intitulada “Por que uns e não outros?” Essa mesma percepção dos alunos EUOP entrevistados. De acordo com sua pesquisa de doutorado:

A dificuldade para o ingresso na faculdade decorria de uma alegada ausência do que pode ser denominado capital informacional. Os alunos, no período de realização do vestibular, não teriam informações básicas sobre os cursos e as instituições, assim

como uma adequada compreensão das características do sistema vestibular e da própria universidade, em particular no âmbito financeiro. (SILVA, 2011, p. 115)

Como diz o ditado popular: informação é poder. E de fato é. Eu fico imaginando como seria se todo aluno favelado conhecesse cedo como funciona esse sistema de ingresso à universidade. Será que se lá no meu ensino fundamental e médio eu tivesse sido apresentada a universidade pública, eu terminaria a minha adolescência sem perspectiva de vida? Será que um emprego mediano ia ser meu único caminho possível a ser seguido? De quem é a responsabilidade pela disseminação desse conhecimento, a educação básica ou o pré vestibular? Nas escolas privadas, os alunos possuem tal informação?

Se é papel do pré-vestibular ou não, o MOB não me respondeu a essa pergunta, mas eles reconheceram essa falta de informação e a falta de presença do Estado na favela em que eu morava e com suas ações, iniciou o trabalho para tentar suprir essas demandas. Sendo assim, eles apontam o objetivo do seu curso:

Com este trabalho buscamos lutar, no campo da educação popular, para democratizar o acesso ao ensino superior, oferecendo ferramentas para que trabalhadores, e pessoas que não têm a possibilidade de pagar um pré-vestibular privado, possam ingressar em uma universidade pública. Para além desta questão mais imediata, o Pré-Solidariedade também busca ser uma ferramenta que ajude a construir práticas políticas de participação e envolvimento do povo na discussão, reivindicação e solução de problemas sociais que nos afetam diariamente, e na construção de novas propostas de fortalecimento do tecido social, sempre de forma horizontal e com autonomia. (MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO DE BASE, 2014)

Desta forma, o Pré-vestibular Solidariedade assumiu o papel de tentar fazer com que, pelo menos, os moradores do morro dos Macacos reconhecessem o caminho para ocupar o seu espaço no ambiente acadêmico. Foi ali que aprendi não apenas como ingressar em uma universidade pública, mas principalmente, compreender que deveria ocupar aquele espaço conhecendo os fatores sociais e raciais que dificultavam esse ingresso. O Pré-vestibular Solidariedade e seus componentes “advogam em favor de o desenvolvimento de estratégias voltadas ao pertencimento e identidade aos estudantes oriundos dos setores populares é essencial para a garantia do seu acesso e de sua permanência qualificada.” (VASCONCELOS, 2018, p. 41)

Em 2012 prestei meu primeiro ENEM. Mas com a dificuldade e deficiência nas disciplinas de exatas que vinha acumulando ao longo dos meus anos escolares, não consegui uma nota suficiente para ingressar em algum curso. O que não foi de todo ruim, pois com isso permaneci mais um ano no pré-vestibular. Me aproximei do movimento social, ingressei e iniciamos um projeto lindo com as crianças do Morro dos Macacos chamado Germinar. O projeto atuava

realizando atividades com crianças entre 6 a 9 e pré adolescentes de 7 a 14 anos de idade, meninos e meninas do Morro dos Macacos (Vila Isabel) (...) Este trabalho é uma ferramenta que busca desenvolver valores coletivos e de apoio mútuo entre as crianças. Buscando também envolver seus familiares e a comunidade ao dialogar a realidade das crianças, junto com o

trabalho de resgate e memória de datas e eventos de resistência e luta do povo (...)com oficinas, atividades culturais, educação ambiental e reciclagem, expressão corporal, esporte, brincadeiras lúdicas e criativas. (...) Nesse sentido o Germinar busca atuar não apenas a partir de demandas culturais, afetivas e de lazer das crianças, mas ajudar também na construção de uma identidade com propostas de poder popular com autonomia. (MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO DE BASE, 2014.)

A proposta do Projeto vinha ao encontro das minhas expectativas naquele momento e me entusiasmei com ela que viria suprir outro problema na comunidade: a falta de atividades para as crianças, observada pelo MOB (Movimento de Organização de Base) . Naquele momento, eu era aluna do pré-vestibular, militante do movimento e educadora no projeto Germinar. Esse foi meu primeiro contato com a educação e descobri ali que trabalhar com educação era o que eu queria fazer. Eu sempre tive vontade de trabalhar para suprir as necessidades da minha comunidade, e percebi ali que a educação seria o caminho para isso.

Em 2013 realizei o meu segundo ENEM. No prédio da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UERJ realizei uma das provas mais importantes da minha vida. Confesso que não estava esperançosa, mas tentei assim mesmo. Para minha surpresa, alcancei uma boa nota, mas ainda não suficiente para ingressar de primeira. Lembro-me que como primeira opção de curso indiquei Serviço Social e em segunda opção o curso de Pedagogia, ambos na UFRJ pelo sistema de cotas (racial e social). Tempos depois veio o sonhado resultado: eu havia passado para o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro! O fato de ter conseguido pela lista de espera não me desmotivou, naquele momento eu já tinha ciência das barreiras que precisaria enfrentar para conseguir aquele resultado; naquele momento já entendia todo contexto que vivi e ainda vivia. Eu acredito que estar socialmente consciente me ajudou a enfrentar os desafios e estar ciente do que poderia vir, me fortaleceu.

Assim como o MOB, diversos cursos sociais foram crescendo pela cidade. Segundo Silva Santos (2021),

O crescimento do número de pré-vestibulares populares se deu a partir dos anos 90. Já a implantação das políticas públicas de ações afirmativas para acesso à universidade se iniciou a partir dos anos 2000. Essas iniciativas começaram um processo de mobilidade na pirâmide socioeducacional brasileira, contrariando a lógica hegemônica de que finalizar a educação básica seria o limite do processo educacional formal para um conjunto significativo da população brasileira.

Assim, a proliferação desses cursos nas áreas periféricas das cidades, somada às políticas de ações afirmativas contribuíram para o acesso de muitos jovens à universidade pública, como foi o caso do processo vivenciado por mim.

Ainda de acordo com o estudo Santos, 2021, apesar da importância dessas ações, eles também possuem problemas em comum.

Por serem iniciativas constituídas, em sua maioria, por movimentos de caráter popular, voluntário, militante e sem fins lucrativos, os pré-vestibulares populares se constroem e reconstroem a partir de processos dinâmicos e complexos para permanecerem ativos: mobilização de diversos agentes e movimentos locais, junções com outros projetos, conflitos internos, separação de grupos por questões ideológicas, necessidade de mobilização, renovação do quadro de colaboradores, captação de recursos etc.

Assim como eu, o público que procura os cursos populares, vêm de um ensino médio complicado, como foi meu caso já relatado. Com isso, seria possível o curso pré vestibular social, suprir toda a falta do ensino médio e preparar o aluno para o ENEM?

Outra característica presente nesses cursos preparatórios, é a presença de temas que despertem a criticidade do aluno. Principalmente nas disciplinas de humanas, era comum debatermos temas da atualidade, críticas ao governo e ao Estado. Entende-se ali que existe uma posição política clara que estava presente em todas as aulas, palestras e debates. Lembro-me que isso espantava alguns alunos e chegou ao ponto de uma aluna desistir do curso pois sua visão política ia contra o que era debatido nas aulas. Por concordar com as ideias propagadas no curso, não me incomodei, mas sempre refleti se essa era a melhor abordagem para trabalhar, principalmente com um público mais velho e com ideais e posicionamentos já estabelecidos.

Souza (2020) em sua tese de doutorado também explora a questão da expectativa desse jovem oriundo do ensino público com o futuro, no caso, o ensino superior e a continuidade de seus estudos. Na época, a doutoranda entrevistou alunos do Estado da Bahia e do Estado do Rio de Janeiro. Dentro de sua análise, apenas 11.3% almejavam concluir o ensino médio e os outros 73.2% desejavam o ensino superior para o seu futuro.

A educação mercantilista e precária oferecida para o aluno de origem popular, é uma das causas para o distanciamento desse aluno com o ensino superior. Muitas vezes, um curso técnico pode parecer suficiente para suprir as necessidades da vida. Assim como eu mesma pensava.

Quanto aos jovens das camadas populares que frequentam as escolas públicas de ensino médio, serão em grande medida expostos a uma formação escolar com baixo teor crítico e com formação profissionalizante voltada para suprir as demandas de mão-de-obra para o mercado de trabalho. ” (Souza, 2020)

Outra causa apontada como motivação para esses números, também é abordada por Jailson Silva (2011) ao explicar o que é o capital informacional, o autor comenta que:

os estudantes no período de prova de vestibular não possuíam as informações consideradas básicas tanto em relação aos cursos, quanto em relação às instituições, bem como lhes era ausente a compreensão das características do mundo universitário o que a nosso ver colabora para as desvantagens diante dos demais jovens que competem pelas vagas neste nível de ensino. Importante notar que, as informações sobre o mundo são todas como um capital social de alto valor no processo de possível entrada neste nível educacional. Não parece equivocado considerá-las então como uma ponte que aproxima os jovens dos setores menos privilegiados de um espaço social que possui linguagem, código, regras próprias. (p.161)

Vasconcelos (2015) em sua pesquisa com alunos EUOPs, aborda a questão das perspectivas desses alunos com o mundo acadêmico mostra que, assim como eu, outros alunos com meu perfil também não almejavam o ensino superior logo de início e “tinham noções vagas e imprecisas sobre a universidade” (p.39). Algo precisou acontecer para esse ímpeto germinar e isto está presente em alguns trechos retirados das entrevistas, como o a seguir:

Eu nem imagino, sabe... Eu imagino que deva ser tudo corrido, que as pessoas nem devam se falar direito, nem sei te dizer como eu imagino... Eu imagino assim, que seja corrido até porque as pessoas têm, fazem coisas. (IBIDEM)

Como disse anteriormente, o pré-vestibular me ajudou a entender o que viria. O racismo, o preconceito e as dificuldades que eu enfrentaria na universidade foram esclarecidos nas aulas e conversas com os colegas de militância. E essa preparação para o que estava por vir na minha jornada acadêmica foi ótima. Acredito que teria desistido caso fosse “pega de surpresa” assim que iniciasse a minha graduação.

E finalmente, o resultado, a virada, através da Lei 12.711/2012<sup>3</sup>: ingressei no curso de Pedagogia da UFRJ pelo sistema de cotas e pela lista de espera. Se não fossem as políticas de cotas, eu conseguiria tal resultado? A expansão universitária deu oportunidade para que os EUOPs iguais a mim tivessem essa oportunidade, mas me questiono como estaria o ambiente acadêmico caso não houvesse essa expansão?

O ano em que apresento meu trabalho de conclusão de curso é um ano simbólico. Em 2022, completam-se 10 anos da implementação da conhecida Lei de Cotas. Foram produzidas pesquisas que fizeram um balanço sobre os avanços e resultados que tivemos até hoje. A professora Rosana Heringer, desde o início da Lei já caminha produzindo estudos sobre o tema. Em 2018, a mesma

---

<sup>3</sup> De acordo com o portal do Ministério da Educação – MEC: A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.

produziu um balanço sobre os avanços da Lei. Um dos pontos do estudo, a professora nos deixa claro que os problemas relacionados a desigualdade racial e social, não foram resolvidos, para ela:

Um dos problemas enfrentados pelos estudantes cotistas é se manterem financeiramente, assim como sua permanência na universidade. Embora os recursos federais para a assistência estudantil tenham crescido entre 2008 e 2014, passando de R\$ 101 milhões para R\$ 742 milhões nesse período, eles são insuficientes para garantir auxílio financeiro e outros benefícios para todos os que os necessitam.(HERINGER, 2018)

Ela finaliza deixando claro que a sociedade brasileira precisa continuar debatendo as políticas de ação afirmativa, pois só assim as medidas que vêm sendo tomadas continuarão a dar frutos positivos para quem realmente precisa alcançar o ensino superior, mas ainda sofre com a negligência do Estado.



### CAPÍTULO III - NA UNIVERSIDADE: O ENFRENTAMENTO

E cada favelado é um universo em crise  
Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem  
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém (Racionais MC's, 2002)

No primeiro semestre de 2014 “nascia” a Anne, mulher preta, de favela e estudante universitária no Curso de Pedagogia da UFRJ. Após todo processo burocrático de inscrição, iniciei as aulas. Como no primeiro período nossa grade já vem pronta pela coordenação, as disciplinas que iria cursar naquele primeiro período já estavam definidas. A disciplina de Introdução ao Pensamento Científico foi a que mais me marcou naquele primeiro semestre da graduação. Foi um mundo novo que conheci e ao mesmo tempo que muito me assustou. Mas acredito que foi uma ótima experiência pois ali pude começar a aprender sobre o mundo acadêmico, sobre a pesquisa, ler textos acadêmicos e outros mecanismos que seriam necessários para frequentar aquele ambiente.

Pensando nas minhas expectativas em relação a esse novo universo em que me deparei, retomo neste capítulo as narrativas sobre a minha jornada que após muita reflexão, aceitação, estudos e leituras sobre biografias, consegui compreender o quão importante seria essa pesquisa. Em um processo delicado de exposição, pude compreender que além de uma pesquisa acadêmica, também estaria produzindo um ato político e uma espécie de pagamento de dívida. Dívida essa que tenho com meus ancestrais, as mulheres que vieram antes de mim e não tiveram a oportunidade que agora tenho. Oportunidade de perpetuar nossas histórias contadas por nós.

Xavier (2021), uma das autoras que atualmente produz estudos sobre a escrita de si, após ter a honra de ser sua aluna, pude compreender melhor que meu processo de vida é importante sim e tem lugar no meio acadêmico. Se minha luta pode servir como estudo para terceiros, porque não posso eu produzir um estudo sobre mim?

Visibilizar, na universidade, a mulher negra como sujeito intelectual e ao mesmo tempo criar discursos científicos que sustentem esta afirmação é desafiador, pois parte de dois movimentos que questionam, na prática, os pressupostos da subalternidade: a expressão da subjetividade feminina negra e a tomada do território da produção teórica, tradicionalmente associado ao masculino. Esse processo, pelo qual podemos perceber as assimetrias de gênero e raça, pode ser pensado dentro do que Petronilha Gonçalves (1998) conceitua dar à luz a nós mesmas. (XAVIER,2021)

Desta forma, nesta parte iniciarei tratando dos desafios e enfrentamentos de uma estudante EUOP na UFRJ e no segundo momento, tratarei da experiência enquanto EUOP em uma universidade internacional.

### **3.1. Conhecendo o estranho**

Ao ingressar na universidade, iniciando a minha jornada, enfrentei os primeiros desafios. E foi logo em meu primeiro período que tive minha primeira decepção e percebi que estava em um território hostil. Um lugar que, ainda que tenha me permitido acesso à ele, ainda não estava preparado para me receber. Mesmo com todas as políticas de cotas, os debates sobre racismo e as questões sociais, a universidade estava pronta para receber a mim e meus pares? A resposta para essa pergunta veio rápido. Em uma disciplina deste mesmo período, ouvi de um professor que aluno que precisa trabalhar ou necessita de bolsa para se manter na universidade, não deveria estar ali. Aquilo afetou tanto a minha autoestima que já estava abalada, e a minha vontade de permanecer ali, onde já sentia que não me encaixava. A minha vontade era de correr para longe e nunca mais voltar. Mas graças a minha mãe e meus amigos, não desisti da minha graduação e insisti. Fui aprovada na matéria com uma nota na média e continuei.

Sobre esse estranhamento inicial, Gabriel e Moehleche (2011) apontam que o estudante de origem popular:

(...) ao chegar à Universidade, passa a vivenciar um profundo sentimento de deslocamento identificado como a percepção de que se encontra em um espaço que não lhe pertence. Determinado por múltiplos fatores que articulam causas externas e internas ao espaço universitário, esta percepção se agrava pelo aparente isolamento do novo aluno, oriundo de espaços populares, o levando a crer se tratar de caso único e sorte pessoal. (Gabriel e Moehleche, 2011, p. 41)

Meu sentimento era esse mesmo, narrado pelas autoras, mas eu precisava persistir e cursar as disciplinas do curso. Assim, a disciplina Introdução ao Pensamento Científico me ajudou muito a conhecer esse novo mundo, mas não foi suficiente, afinal, era uma disciplina como as outras, os docentes não partiam do princípio que os alunos sabiam o básico para estar ali e apenas dava continuidade a esse saber. Oriunda do ensino médio público, cheguei a universidade sem saber coisas até então consideradas básicas, como fazer fichamento, ler um artigo acadêmico, fazer resenhas etc. Mas foi neste mesmo período acadêmico que conheci o PET: Programa de Educação Tutorial – Conexões de Saberes e isso foi crucial para minha formação.

Não me recordo onde vi o edital oferecendo as bolsas, mas lembro que a proposta do projeto me atraiu pois dialogava com quem eu era. O programa tinha como proposta agregar alunos de origem popular. O edital de seleção informava que como critério de ingresso, precisava ter baixa renda, oriundo do ensino público e ser morador de periferia. Acreditei que precisava estar naquele lugar e me inscrevi para a seleção. Depois de todo processo seletivo, fui aprovada e assim comecei minha jornada como extensionista. O PET nos ajudou a compreender a linguagem acadêmica e a buscar estratégias de como "sobreviver" naquele meio. Em relação à "sobrevivência", a bolsa foi de grande ajuda, já que, ingressando na modalidade de cotista, minha bolsa auxílio só duraria por 12 meses. Com a bolsa do Pet/Conexões, pude continuar recebendo uma ajuda de custo por mais tempo. Ainda que não fosse suficiente para me manter 100%, a bolsa me ajudou com o básico que me possibilitasse cobrir os custos dos estudos de modo a não precisar trabalhar, o que dificultaria muito minha formação.

Assim, ingressei no Programa de Educação Tutorial<sup>4</sup> Conexões e Saberes (PET – Identidades) coordenado pela professora Warley da Costa. Compondo o tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão), no PET falávamos muito sobre apenas o que chamávamos de "passar pela universidade". Com essa expressão queríamos falar sobre os alunos que apenas iam para a faculdade assistir aula e precisavam correr para trabalhar, cuidar da família ou assumir outras responsabilidades. Sabíamos então que esses alunos não possuíam as mesmas oportunidades que os alunos que poderiam passar mais tempo naquele espaço. Isso faz com que o aluno perca diversas oportunidades em grupos de estudos, grupos de extensão, seminários e outros eventos acadêmicos. O curso de Pedagogia me pareceu ter o perfil bem diferente dos demais cursos. Os alunos em sua maioria são mais velhos, trabalham e têm família, logo, trabalhar de forma remunerada é extremamente necessário.

Heringer (2015), em importante estudo, fez uma análise sobre o perfil desse estudante que estava ingressando no curso de Pedagogia entre 2011 e 2012. Um dos objetivos dessa pesquisa, era analisar como as políticas de democratização do ensino superior contribuem para o ingresso do EUOP no ensino superior. A pesquisa nos mostrou que nesse período de estudo, 23% dos alunos ingressaram pelo sistema de cotas. Assim como eu, esses cotistas de origem popular, provavelmente, precisariam de alguma renda para permanecer na academia. Será que esses 23% puderam concorrer a algum tipo de bolsa para a permanência no espaço acadêmico? Será que existem bolsas para ajudar esse grupo de alunos a permanecer na universidade?

---

<sup>4</sup> Programa do Governo Federal subordinado a Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação. O programa tem como princípio o incentivo às atividades de pesquisa, ensino e extensão universitária direcionado aos estudantes de graduação.

Como dito anteriormente, a democratização do acesso permitida pela Lei de cotas permitiu que a mim e meus pares ingressaremos no ensino superior, mas o papel da Universidade pública face às novas demandas ainda precisava de muitos ajustes, assim como nos traz Costa (2021)

a ampliação do ingresso de estudantes de origem popular na universidade pública nos últimos anos, quer pelas políticas das ações afirmativas, quer por ampla concorrência, desestabilizou a universidade, colocando em xeque seu papel social. criada com o intuito de formar a elite intelectual dirigente, nos moldes da modernidade, ela enfrenta o desafio de ressignificar o seu papel face aos diferentes grupos que circulam nesse espaço. (COSTA, 2021, p. 91)

No caso do Grupo Pet/Conexões em que eu estava inserida, o foco principal girava em torno dos assuntos que permeiam os desafios do estudante universitário de origem popular (EUOP). Para manter a proposta fidedigna ao discurso do grupo, era necessário atender aos critérios do que era considerado ser um EUOP: ter baixa renda, ser oriundo de escola pública, morar em locais considerados periféricos ou áreas de favela, ser o primeiro membro da família a ingressar em uma universidade pública. E assim eram os alunos que compunham o grupo, afinal, quem melhor para falar sobre o EUOP do que o EUOP? Nesse momento, vivenciando essa experiência, tive o meu primeiro contato com sujeitos falando sobre si.

“Essa perspectiva, que fortalece a ideia de conexões de saberes, é a constatação de que a universidade deve ‘ir à comunidade’ e trabalhar com a ideia de que a comunidade já se encontra na universidade” (COSTA, 2015). O PET – Identidade também trabalhava com a proposta de que os alunos pertencentes ao grupo retornassem à sua comunidade de origem. Realizamos algumas atividades nas escolas e pré-vestibulares onde os alunos do grupo eram alunos. Essa experiência era rica para nós pois agora com o olhar de pesquisadores, podíamos analisar e tornar em pesquisa todo aquele universo no qual fazíamos parte e por outro lado, também podíamos fazer com que aqueles alunos tivessem esperança e a visão de que é possível sim o aluno pobre, preto e favelado chegar ao ensino superior público. Essas oficinas nas escolas resultaram em dados para pesquisas, artigos e trabalhos apresentados em eventos nacionais, em eventos da UFRJ e em artigos em livros.

Reparei durante a minha graduação que os grupos de pesquisas acadêmicas que geralmente abrigam os estudantes vinculados ao Pibic (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica) tinham um perfil bem diferente do PET. Eram mais novos, ainda moravam com os pais e uma quantidade considerável de alunos brancos. Então, analisando esses outros perfis de grupos de

pesquisa, acabei percebendo que ocupava um lugar que poderia ser considerado de privilégio. Claro que não, comparado aos alunos brancos que citei mas entre os meus pares. Quantas mulheres, negras, faveladas, oriundas do ensino público poderiam se dar ao luxo de "*apenas*" estudar? A bolsa no valor de R\$400,00 do grupo PET ajudava a me manter na universidade, mas ainda era difícil a sobrevivência nesse espaço. Minha mãe, mais uma vez, sempre incentivando meus estudos nunca me cobrou uma ajuda maior em casa pois entendia que aquilo que passava o dia fazendo na universidade, seria bom para o meu futuro. E de fato foi.

Em 2017 o PET – Identidades finalizou suas atividades, lembro-me que todos os bolsistas ficaram apreensivos pois aquela era uma fonte de renda que tínhamos, já que não tínhamos tempo para trabalho remunerado. Então, logo surgiu o PET Acesso e Sucesso no Ensino Superior, coordenado pela professora Rosana Heringer substituindo o primeiro Projeto. O novo grupo, o qual fomos incorporados, acompanhou a proposta do seu antecessor de restringir a participação dos alunos EUOP. Em seu último edital publicado em 2017, o grupo nasceu com o projeto chamado “Desafios para o Acesso e Sucesso no Ensino Superior”. O foco do grupo já era a pesquisa sobre os alunos que haviam ingressado no ensino superior brasileiro.

Em relação a metodologia, ambos os grupos contavam com reuniões semanais, participação em eventos e elaboração de artigos acadêmicos. O primeiro grupo utilizava uma sala no Campus da Ilha do Fundão, no prédio da Divisão de Integração Universidade – Comunidade (DIUC), o que fazia com que nós da Pedagogia pudéssemos frequentar outro campus além da Praia Vermelha. Então, uma vez por semana estávamos no laboratório ocupando aquele espaço que foi conquistado pelo Programa que nos antecedeu, o Programa Conexões de Saberes<sup>5</sup>. Já no PET- Acesso e Sucesso, utilizávamos uma sala na própria Faculdade de Educação na Praia Vermelha. Em ambos os laboratórios não tínhamos apenas um lugar para fazer reuniões, tínhamos também um ambiente de estudos. Precisávamos destinar 20 horas semanais aos grupos e utilizávamos esse tempo para leitura de textos que seriam debatidos, organização das atividades dos grupos, elaboração de apresentação e artigos e qualquer outra demanda que o grupo pudesse ter. Um aspecto comum aos dois grupos, e que considero relevante, é a origem dos estudantes que os compõem, oriundos de vários cursos. Essa pluralidade curricular muito enriqueceu nossos debates, pois essa convivência nos levou a conhecer melhor a realidade de outros cursos e a enxergar melhor os problemas da universidade.

---

<sup>5</sup> O *Programa Conexões de Saberes*, originário do Observatório de Favelas e encampado pelo Ministério da Educação, iniciou suas atividades em 2004, envolvendo inicialmente cinco universidades públicas. Em 2010, foi incorporado ao *Programa de Educação Tutorial* e denominado *Pet-Conexões de Saberes*, fato que possibilitou um diálogo com a Secretaria de Educação Superior (Sesu) do MEC.

No PET – Acesso e Sucesso também realizamos oficinas em escolas de ensino médio e em pré-vestibulares sociais. As atividades em pré-vestibulares comunitários e em escolas de ensino médio, retratam bem a proposta principal do PET: o retorno para as nossas origens. Acredito que o principal papel da extensão é levar o conhecimento acadêmico para a comunidade. Atravessar os muros da UFRJ era uma coisa mágica e descentralizar esse conhecimento era importante.

E foi nesse novo PET que minha vida teve um divisor de águas. Nesse novo grupo, Acesso e Sucesso, tive a maior oportunidade da minha vida acadêmica e pessoal. Ainda que tivesse vontade, nunca imaginei que seria possível fazer intercâmbio acadêmico em outro país, até aquele momento.

### **3.2 – Indo mais longe, conquistando o mundo ...**

A oportunidade de estudar em uma universidade norte-americana foi a realização de um sonho. Em uma reunião semanal do grupo PET, a professora Rosana Heringer nos apresentou o Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento. A chance oferecida pela professora Rosana veio no melhor momento da minha vida!

Um programa de intercâmbio acadêmico internacional, voltado prioritariamente para alunos negros, pardos, indígenas e de origem popular não é tão comum. Nas poucas vezes em que pesquisei sobre intercâmbio, apenas encontrava programas voltados para engenharia, medicina e outros cursos considerados de prestígio. O programa já mostra seu diferencial em seus objetivos:

I. promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a formação de estudantes brasileiros pretos, pardos e indígenas, estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, conferindo —lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas à educação, à competitividade e à inovação em áreas prioritárias para a promoção da igualdade racial, do combate ao racismo, do estudo e valorização das especificidades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas, da acessibilidade e inclusão no Brasil, e da difusão do conhecimento da História e Cultura Afro—Brasileira e Indígena;

II. ampliar a participação e a mobilidade internacional de estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas e estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades em cursos técnicos de graduação e pós-graduação para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior, especialmente as que possuam tradição na promoção da igualdade racial, do combate ao racismo, do estudo e valorização das especificidades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas, da acessibilidade e inclusão, das ações afirmativas para minorias, e da difusão do conhecimento da História e Cultura Afro—Brasileira e Indígena;

O programa oferece uma bolsa de estudos para alunos da graduação e pós-graduação. Os alunos da pós-graduação estudam na NYU - New York University em Nova Iorque e os alunos de graduação na WSU - Wayne State University<sup>6</sup>, em Detroit-Michigan, o que foi o meu caso.

Precisei arcar com todos os gastos de documentação, mas isso não foi um problema. Quando meus familiares e amigos souberam da viagem, todos se uniram para me ajudar. Eu não tinha passaporte pois nunca imaginei sair do país, então meu processo começou do zero. Lembro-me que fiquei muito nervosa pois todo processo é lento, muita burocracia e exigência de vasta documentação que em sua maioria eu não conhecia e não sabia onde consegui-los. Afinal, sair do país era apenas um sonho e nunca imaginei de fato que pudesse realizá-lo. Então achei que não daria tempo pois o prazo dado pelo programa precisava ser determinado, mas no final deu tudo certo.

Após finalmente conseguir resolver toda a burocracia relativa às exigências legais para o ingresso no Programa, cheguei na fase crucial do processo: a temida entrevista no consulado norte-americano. Durante o processo, busquei ajuda em grupos de rede social com dicas de como conseguir o visto aprovado. Nesses grupos, várias pessoas relataram que tiveram o visto negado e sem que soubessem os motivos. Isso aumentou demais minha ansiedade, mesmo sabendo que visto para estudantes não havia tanta chance de ser negado. Chegando o dia da entrevista procurei ficar calma e fazer minha parte. O entrevistador foi super gentil, ainda que a entrevista tivesse sido em inglês; a todo momento ele se preocupou em falar com clareza e lentamente. Neste momento reconheci o esforço de meus pais ao me proporcionarem a aprendizagem dessa língua estrangeira.

Então, no dia 20 de janeiro de 2018 eu embarquei para o sonho da minha vida. Em minhas malas levei roupas, comidas típicas brasileiras, meu amado café e muito medo. Ainda que com 28 anos, era a primeira vez que iria para tão longe de casa. Outro país, outra língua, outra cultura. Ainda que tenha pesquisado muito sobre Detroit e a Wayne State University, fiquei nervosa e com muito receio. Mas nunca pensei em desistir.

Quando cheguei, vi que a Wayne State é pioneira em receber intercambistas. Conheci alunos de diversas partes do mundo, a universidade sabia como acolher a todos. Basicamente tudo se resumia ao campus universitário. Morei na moradia estudantil deles, que por sinal não se compara às que temos no Brasil e a alimentação também era feita dentro do campus. Sobre as disciplinas, além de fazer parte de um grupo de estudos, cursei quatro disciplinas<sup>7</sup> e a escola de línguas, com também quatro disciplinas<sup>8</sup>. Pode parecer pouco comparado ao que temos aqui, mas para eles é muito

---

<sup>6</sup> Wayne State University é uma universidade localizada em Detroit, Michigan e foi fundada em 1868.

<sup>7</sup> PanAfricanism and Black Diaspora, Intro: African American Studies, Black Women in American e AfroLatinos, History and Culture.

<sup>8</sup> Media and Culture, Oral Class, Reaserch Class, Written Class

conteúdo. Esse foi um dos impactos que senti assim que iniciei as aulas. A carga horária e a carga de leitura e de produção é muito maior e mais pesada comparado com o que eu tinha aqui no Brasil. Em todas as disciplinas obtive boas notas e em minha carta final, fui muito elogiada pelo professor orientador que me acompanhou durante minha estada na universidade da Wayne. Carta essa que me emocionou bastante.

O choque cultural não foi um problema, como imaginei que seria. Acredito que os filmes assistidos em toda a minha vida, ajudaram a conhecer melhor os norte-americanos. Detroit tem a maioria da população negra, isso fez com que me sentisse em casa. Lá meus professores eram em sua maioria negros, minha médica era negra, a gerente do banco que fui correntista era negra, meu orientador acadêmico era negro ... coisa que não tinha aqui no Brasil. Ver tantos negros em posição de destaque me fazia acreditar, me dava ânimo e aquele sentimento de "eu também posso".

O contato com os professores negros na universidade americana me fez pensar sobre o quadro de docentes que me acompanhou e acompanha durante o meu curso na Faculdade de Educação da maior universidade brasileira. Essa reflexão me levou à pesquisa realizada por Ingrid Sovat em 2019 intitulada "Identidades e trajetórias de professores negros da Faculdade de Educação da UFRJ: Uma reflexão sobre racismo e a luta antirracista". Com o objetivo de analisar a trajetória acadêmica e práticas antirracistas de docentes negros e negras com matrículas ativas na Universidade, a pesquisadora concluiu "que os professores negros presentes no quadro efetivo da Universidade pública, ainda é pequeno (12 entre 126 professores/as em 2019), sintoma claro do racismo institucional" (SOVAT, 2021, p. 09).

Sobre a minha experiência na universidade norte-americana, além de aperfeiçoar o inglês de forma oral com a interação do dia a dia, também exercitei bastante a escrita e as formas de produzir um bom texto. Fiz uma disciplina muito interessante e que mudou minha forma de ler e analisar uma reportagem e as notícias que chegam até mim. A disciplina denominada Media and Culture a qual fazia parte do currículo da escola de línguas, era voltada justamente para a leitura e interpretação de notícias dos jornais locais e de nossos países. Lá utilizávamos muito o site do jornal New York Times e a CNN. Por ser aluna, eu tinha direito a gratuidade na assinatura desses jornais. Quando precisava de notícias do Brasil, costumava utilizar o jornal O Globo e Folha de São Paulo. Com isso, toda semana precisávamos analisar uma matéria publicada em um desses jornais, fazer uma análise crítica e produzir um texto sobre a relacionado ao tema. Esse exercício me ajudou não só na prática do inglês, mas também a analisar um texto e interpretá-lo melhor. Acredito que essa tenha sido a matéria que mais me marcou na escola de línguas, pois me possibilitou desenvolver um olhar mais crítico sobre as fontes midiáticas além de contribuir para a fluência da escrita acadêmica.



Das disciplinas acadêmicas, a que mais gostei foi a African American Studies. Lecionada pelo Professor Doutor Ollie Johnson, que também era meu orientador educacional durante minha jornada na Wayne State. Curioso que nessa disciplina utilizamos um livro sobre um estudo realizado em uma comunidade de Salvador-Bahia, a favela da Gamboa de Baixo. O livro aborda os problemas que há naquela comunidade que, ainda que cercada por áreas nobres, não está a salvo da violência policial constante. Com isso, utilizamos o livro todo nessa disciplina para debater sobre a representatividade feminina nas lideranças daquela favela. Junto com esse livro, ainda utilizamos mais duas publicações. Ao todo, apenas nessa disciplina foi necessário para produzir o trabalho final três livros. Esse tipo de carga de leitura e escrita certamente seria questionada pelos alunos no Brasil.

O departamento de African American Studies foi o que mais me chamou atenção. Existe também o departamento de Afro-Latinos e lendo sua ementa senti falta de estudos sobre o Brasil. Os textos eram apenas sobre os negros em Porto Rico e Cuba. O que é uma pena, deixar de fora todo o estudo que os afro-brasileiros já contribuíram. Logo, isso me despertou mais vontade de sondar uma possível aproximação futuramente. Os planos de voltar para os EUA ainda existem e é mais um sonho que quero realizar.

Tentei ao máximo aproveitar cada minuto, cada instante, todos os meus amigos que fiz lá. Cada momento vivido e cada aprendizado. De fato, essa experiência me mudou e isso fez com que eu fosse referência em minha comunidade. Quando voltei, principalmente as crianças, sempre me perguntavam (e ainda perguntam) como foi viver nos Estados Unidos e falam que também possuem a vontade de ter essa mesma experiência.

Silva (2003) fala sobre esse lugar de “exemplo” que temos no retorno para a nossa comunidade:

Assim, elas já não são o que eram, nem serão o que (ainda) são. Vão se criando condições então, para incorporação de novas disposições pelos agentes que as constituem, gerando variados estilos pessoais e identidades marcadas pela pluralidade. Novas redes, novos mundos, tecendo-se continuamente, a cada escolha, a cada passo, na longa caminhada que nos leva para/pela vida. ” (p.138)

E assim foi quando voltei ao Brasil. Tudo que aprendi nos grupos PETs sobre o retorno para a minha comunidade e a responsabilidade que me cabia, coloquei em prática quando voltei ao meu lar. Uma simples pergunta, um simples comentário, eu acredito que seja o suficiente para despertar a vontade de trilhar caminhos parecidos, despertar algum sonho que alguma criança favelada que assim como eu parecia ser impossível de realizar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos pandêmicos venho sentindo um misto de emoções. O processo de escrita de monografia tem sido doloroso em todos os sentidos. O “novo normal” que surgiu junto ao surto do Covid-19 tornou pior ainda o que já era difícil. Primeiro a falta de tempo para conciliar trabalho, faculdade e afazeres domésticos. O home office não é tão glamoroso como foi vendido no início da pandemia. Trabalhar e estudar em casa para mim foi uma experiência péssima!

Não há divisão do tempo. Em um momento eu estava preparando aula e no outro fazendo almoço. Quando me dava conta, eram 22:00 e eu estava terminando o que havia começado às 8:00. A dupla jornada de uma mulher que trabalha e é dona de casa ficou ainda mais pesada. Diversos estudos mostram que o trabalhador perde horas e horas por ano só no trânsito se deslocando entre a casa e o seu ambiente de trabalho. Com o home office esse tempo se converteu em mais trabalho. Outros fatores contribuía para tornar pior essa situação, barulho de vizinho, internet ruim, falta de energia e diversas distrações que o lar pode oferecer. Com isso fui deixando cada vez mais minha monografia de lado. O peso na consciência e a culpa sempre me acompanharam durante esses meses, mas o estresse e o cansaço acabavam falando mais alto.

Em novembro de 2020 eu descobri minha gestação. Com isso surgiu mais uma frente para me ocupar. Me planejei para escrever minha monografia durante meu resguardo e licença maternidade, mas não tinha ideia do desafio que estava prestes a encarar. A maternidade mudou tudo na minha vida, principalmente o ritmo das coisas que precisava concluir. Foi impossível conseguir sentar na frente de um computador tendo que cuidar de casa e de uma recém-nascida.

Ayana, minha filha, chegou em julho de 2021 e veio para me dar a força e o foco que precisava. Eu apenas precisava de uma boa rede de apoio e organização. Percebi que chegou a hora de parar de adiar meus empreendimentos, pois estava sentindo que estava jogando fora tudo que vivi e falhando na missão para almejar o que planejei para minha vida. Todo esforço de minha mãe para me ajudar e todo o esforço que tive para conquistar tudo que já conquistei, estava indo embora. Eu tinha muito medo de entrar para os números de evasão em decorrência da maternidade computados pelas universidades públicas.

Durante a graduação tive colegas que foram mães e precisaram parar seus estudos ou até mesmo abandoná-los por não conseguirem conciliar a vida acadêmica e a maternidade. A academia que já não era acolhedora para mim enquanto negra, mulher e favelada, também não seria enquanto mãe. Acredito que se ainda precisasse cursar alguma disciplina, não conseguiria e seria mais uma a

abandonar o ensino superior. Alves (2022) traz o tema em seu artigo “Maternidade rima com universidade? ”:

Os desafios impostos às mães para acesso e permanência na Universidade, ademais, são determinantes quanto às perspectivas de progressão socioeconômica das mesmas, já considerando o reconhecido rechaço das mães pelo mercado de trabalho, apurando-se a tendência de seu repelimento a contar da licença-maternidade, o que se mantém mesmo após dois anos desta, padrão este que estende até quase quatro anos depois da mencionada licença.(p.5)

Atualmente a educação não está em um bom cenário: Os professores cada vez mais desvalorizados, o mercado de trabalho saturado e preconceituoso com mulheres que têm filhos. Acredito que isso também tenha me desmotivado a concluir a graduação e assumir de fato essa profissão para a minha vida. O discurso de “educação por amor” não cabia mais na minha vida, afinal, eu precisava sustentar uma criança e só o amor não bastava. Mas como somos movidos a sonhos, ainda acredito na educação, principalmente a pública. Acredito fielmente que a educação é o único caminho para que tenhamos uma sociedade melhor, menos racista, machista e preconceituosa. Sociedade essa que minha filha e sobrinhos irão fazer parte. E como crianças pretas, sei que sofrerão o peso que carregam em sua pele, mas a educação os ajudará a criar a resistência e a força para combater todo esse ódio. E é por isso que preciso concluir meu curso e continuar minha formação. Por mim, por minha filha, minha família e principalmente por minha comunidade. Preciso mostrar que mais uma preta e favelada conseguiu e venceu.

Ainda no texto de Xavier (2021) citando Collins a respeito das epistemologias alternativas:

“os métodos usados para validar reivindicações de conhecimento também devem ser aceitáveis para o grupo que controla o processo de validação de conhecimento” (p. 407)  
Ainda discutidos superficialmente no Brasil, esses são temas fundamentais para construção de epistemologias alternativas que fundamentem a escrita de si de intelectuais negras como uma alternativa científica (XAVIER,2015, p.236)

Assim, apostando na escrita de minha trajetória de vida como uma alternativa científica e que contribui para validar novos conhecimentos, considero a escrita desse trabalho pertinente e relevante como contribuição para o campo da educação.

Optei em trazer nessas considerações finais a mulher que me tornei hoje, e que ainda está se formando. Essa pessoa está e estará em contínua mudança, afinal estamos falando de um ser ainda vivo e que tem muitos sonhos a realizar. Sou a primeira pessoa da minha família a concluir uma

graduação em universidade pública e isso tem um peso enorme em minha história que está em constante construção. Esse trabalho poderia ser só mais um estudo de algum pesquisador que foi na favela fazer uma entrevista, colher dados e produzir um artigo acadêmico de como uma mulher preta e oriunda da favela conseguiu seu diploma de ensino superior apesar de todas as adversidades da vida. Mas não, esse é o trabalho de uma mulher, preta, favelada e acadêmica produzindo um conteúdo de nível superior e assumindo seu lugar que lhe é de direito. Não foi fácil, nunca vai ser e esse é só o primeiro passo. Que venha mestrado, doutorado e tudo que eu puder conquistar.

“

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Christiane Andrade. Maternidade rima com Universidade?. **Revista Direito e Feminismos**, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2022.

AMORIM, Mariana Oliveira. **Linhas, enredos e territórios: cartografias docentes de professores iniciantes de História**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9–34, 1998.

COSTA, Warley. “Negro na universidade?”: Trajetórias de estudantes negros de origem popular no espaço acadêmico. In: PEREIRA, Amilcar A. et All (Orgs). História Oral e educação antirracista: narrativas, estratégias e potencialidades. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021, p. 83-102.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 523–536, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. [s.l.]: Pallas Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: literatura e consciência negra**. Entrevista concedida a Bárbara Araújo. Blogueiras Feministas. 30 de Setembro de 2010. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>>. Acesso em 20 de Junho de 2020.

GABRIEL, C. T.; MOEHLECKE, S. Estratégias para a permanência de EUOPs na UFRJ: A experiência do Projeto Conexões de Saberes. **Revista de Extensão na UFRJ**, n. 0, 2011, p. 40-4.

HERINGER, Rosana. **Um balanço da política de cotas, por Rosana Heringer**. Agência Patrícia Galvão. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/um-balanco-da-politica-de-cotas-por-rosana-heringer/>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

LIMA, Cibele de Camargo. Ensino de história em cursinhos populares: um estudo sobre o currículo da Rede Emancipa-SP. In: ANPUH-BRASIL. 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

PÍCCOLO, Fernanda Delvalhas. **Sociabilidade e conflito no morro e na rua: etnografia de um centro comunitário em Vila Isabel/RJ**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://bdae.org.br/jspui/handle/123456789/1970>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

**Portal QEDu**. Disponível em: <<https://novo.qedu.org.br/>> . Acesso em 01 de julho de 2022.

SAM-LA ROSE, Jacob .Poesia. (In) *Apud*: KILOMBA, Grada. **A Plantations Memories – Episodes of everyday racism**. Münster: Unrast Verlag, 2012.

SANTOS, Stephany Cruz dos. **Conhecimento e expectativas de estudantes de ensino médio sobre a universidade: um estudo de caso em uma escola estadual no Rio de Janeiro**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2018.

SILVA, Jailson de Souza e. **“Por que uns e não outros?”: caminhada de jovens pobres para a universidade**. [s.l.]: 7Letras, 2003.

SOVAT, Ingrid da Veiga. **Identidades e Trajetórias de professores negros da Faculdade de Educação da UFRJ: Uma reflexão sobre o Racismo e a Luta Antirracista**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: 2021.

VASCONCELOS, Elisa Mendes. **Pertencimento e identidade: discutindo o acesso e a permanência de estudantes de origem popular no ensino superior**. In: PEREIRA, Amilcar A. e COSTA, Warley (Orgs). Educação e diversidade em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Pallas, 2015, p. 33-44.

**Vila Olímpica Artur da Távola**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?id=6755375>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

XAVIER, Giovana. Grupo Intelectuais Negras UFRJ: a invenção de uma comunidade científica e seus desafios. **Revista Trabalho Necessário**, v. 19, n. 38, p. 224-239, 2021.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Malê, 2019.